



INTERNACIONAL

Ano I Nº 251
12 de Setembro de 2007

Índice

Metal World - A luta sindical	01
A FITIM exige que a Gerdau reconheça direitos sindicais no Peru	03
ELA denuncia o fechamento da planta por parte da Sidenor	03
Dez lições da crise do mercado imobiliário americano	04

Metal World - A luta sindical

Continuamos neste numero a tradução da reportagem publicada pelo Metal World, a revista quadrimestral da FITIM. Como ressaltamos no numero anterior, o ultimo numero da revista é dedicado aos metalúrgicos do Brasil. Como a FITIM ressalta, a "revista sofreu um processo de revitalização nos últimos meses e agora mostra um design moderno e totalmente novo. Essas mudanças são resultado dos comentários e avaliações das nossas afiliadas".

Nesse sentido, ainda que seja em inglês, vale a pena conhecer a revista para avaliar as potencialidades de uma publicação eletrônica. O número traz também um formulário para a assinatura da sua versão impressa.

Nós continuaremos traduzindo os textos da revista. Esperamos proxicamente trazer o texto especialmente escrito para a revista pela assessora da CNM, Silvia Portela, sobre os metalúrgicos no Mercosul.

Cabe lembrar aqui que as entrevistas para a revista da FITIM foram feitas já há algum tempo. Isso explica, por exemplo, a cobrança feita a Lula sobre a legalização das centrais sindicais: o nosso Presidente acabou de enviar um projeto ao Congresso com esse objetivo.

A Luta Sindical

A América Latina, em muitos países, sofreu de governos militares em tempos recentes, incluindo o Brasil, onde a ditadura militar durou de 1964 até 1985. Foi um período de repressão, mortes e abusos dos direitos humanos. No final dos anos 80 e começo dos 90, os sindicatos tornaram-se mais fortes e os metalúrgicos estavam entre os primeiros a se reorganizarem.



Foi nessa época que surgiram os dois sindicatos, a CNM/CUT e a CNTM/Força Sindical. Atualmente as duas confederações lutam pelas mesmas coisas, mas a CNM/CUT é mais proxicamente ligada a um dos partidos no governo, e mais de 80% dos líderes da CUT são integrantes do partido de Lula, o Partido dos Trabalhadores.

A eleição de um metalúrgico e líder sindical como presidente trouxe expectativas sobre a política do governo brasileiro nas questões trabalhistas. Mas, na prática, ter um presidente metalúrgico o que significou para o Brasil? Os trabalhadores e os sindicatos beneficiaram-se? Para Eleno Becerra, presidente da CNTM/Força Sindical, “todos pensavam que o governo de Lula resolveria a maioria dos problemas dos trabalhadores brasileiros, por exemplo, a reforma sindical, a legalização das centrais sindicais e a redução da jornada de trabalho. Isso não aconteceu, mas o governo tem sido bem melhor que os governos anteriores”.

Para Valter Sanches, secretário geral da CNM/CUT, “devido à história pessoal de Lula, a política do governo está focada na melhoria da situação da população mais pobre. A sua política de aumento do valor real do salário mínimo, por exemplo, que foi negociada com os sindicatos, dobrou o poder de compra desse salário em quatro anos”. Ele explica “que o País voltou a crescer e a se desenvolver novamente, mas com uma melhor distribuição de renda. As regiões mais pobres estão crescendo mais rapidamente que o país como um todo. O mercado interno está crescendo e criou cerca de oito milhões de empregos entre 2003 e 2006, incluídos 400.000 na indústria metalúrgica”. Ele acrescenta, “ter um metalúrgico como presidente fez toda a diferença porque Lula aproveita toda oportunidade para mostrar que ele está do nosso lado. Mas, como o governo é de uma coalizão composta de forças que querem promover políticas favoráveis ao capital, os sindicatos estão mais conscientes que nunca da necessidade de manter a sua independência e lutar pelos interesses dos trabalhadores”.



Os dois líderes concordam que o aumento nos salários tem sido a maior conquista para os metalúrgicos. Nos quatro últimos anos, o crescimento do emprego, especialmente na indústria metalúrgica, resultou numa redução nas diferenças salariais regionais, num aumento real de 12% nos salários e um aumento de 40% no piso salarial.

Eles também concordam sobre os problemas enfrentados pelos trabalhadores e seus sindicatos. A terceirização é um deles, especialmente nas cidades mais afastadas do Brasil.

“Existe uma grande diferença entre as regiões com maior ou menor tradição de organização sindical. As empresas com frequência pagam, em algumas regiões, salários até quatro vezes menores que aqueles das regiões com salários mais altos”, explica Sanches.

“Existem duas situações diferentes no Brasil. No sul os sindicatos são melhores estruturados, mais fortes e enfrentam as companhias nas negociações, prevenindo a terceirização. No norte, os sindicatos tem uma dificuldade maior de fazer isso. Então nós estamos fazendo uma campanha para combater essa diferença”, disse Becerra. O objetivo é concluir acordos que cubram os metalúrgicos de todas as regiões do país. Sanches explica que “o foco central da nossa campanha é conquistar um acordo coletivo nacional dirigido para a redução dessas diferenças regionais e setoriais. O nosso principal slogan é lutar por um Contrato Coletivo Nacional de Trabalho em setembro”.

Em formato pdf, a revista em sua íntegra pode ser baixada desde a página da FITIM. [Clique aqui para acessar o arquivo.](#)

A FITIM exige que a Gerdau reconheça direitos sindicais no Peru

A FITIM elogiou a Gerdau por angariar recursos para a população atingida pelo recente terremoto no Peru, mas conclama a empresa a também parar com as praticas anti-sindicais que ela adota no Peru e na Colômbia.

Numa carta aberta aos trabalhadores do Grupo Gerdau S.A., a Federação Internacional dos Metalúrgicos elogiou a Gerdau por sua decisão de encorajar os seus empregados a contribuir para as vitimas do violento terremoto que atingiu recentemente o Peru e o compromisso da empresa de contribuir com o dobro da quantia doada por eles. Entretanto, a FITIM conclamou a empresa a estender a sua responsabilidade social parando com as praticas anti-sindicais que adota no Peru e na Colômbia.

Em 15 de agosto um violento terremoto de magnitude 8, devastou cidades no deserto ao sul do Peru. Centenas de pessoas morreram e milhares mais foram afetadas pelo desastre. O centro do terremoto foi na cidade oásis de Ica e o porto próximo de Pisco, a cerca de 125 milhas ao sudeste da capital, Lima.

Logo que o desastre ocorreu, companhias, organizações religiosas e sociais, sindicatos e indivíduos começaram a coletar remédios, comida, roupas e materiais de construção para ajudar as vitimas na reconstrução das áreas afetadas. Organizações sindicais de toda a América Latina também expressaram a sua solidariedade com os trabalhadores e o povo atingidos pelo terremoto.

A Gerdau, que tem siderúrgica em Chimbote e escritórios em Lima, não teve nenhum de seus empregados atingidos pelo desastre. Entretanto, duas famílias de trabalhadores morreram no desastre. Diante disso, a Gerdau enviou uma mensagem a todos os seus empregados pedindo a eles que contribuíssem com a campanha para angariar fundos para o auxilio às vitimas e se comprometendo a contribuir com o dobro do angariado por seus funcionários no Peru.

Leia a [Carta aberta da FITIM](#) (*formato PDF, 54 Kb*)

ELA denuncia o fechamento de planta por parte da Sidenor

A direção da empresa siderúrgica Sidenor, controlada pelo grupo brasileiro Gerdau, começou a aplicar unilateralmente medidas de desmantelamento industrial e eliminação de emprego previstas em seu Plano de Regulação (ERE), sem que as mesmas tenham sido aprovadas pela autoridade trabalhista nem pelos representantes sindicais, segundo denunciou ontem o sindicato ELA, e entre as medidas está o fechamento da histórica aceria da antiga Aforasa em Azkoitia.

A materialização destas medidas tem sido realizada, segundo o sindicato, aproveitando que as plantas estão em férias e sem que tenha sido respeitado o período de consultas a que obriga a lei. O ELA critica que, aproveitando que a maior parte da planta está em férias, a Sidenor fechou a aceria de Azkoitia, cujos trabalhadores haviam realizado a última leva de produção no dia 27 de julho, e que ao se apresentarem ontem na planta, foram desviados a outros destinos.

Segundo o sindicato, a direção da Sidenor 'obrigou', mediante 'pressões', que vários trabalhadores se transferissem para a fábrica de Legazpi, uma vez que mantém meia centena de trabalhadores sem definir e assinar postos de trabalho. Todos eles, enquanto o período legal para negociar com os sindicatos segue formalmente aberto até o fim de setembro e em uma situação em que há mais de trezentas pessoas subcontratadas.

A Sidenor alcançou no fim de 2006 um acordo para a compra da CIE Automotive de guipuzcoana GSB (fruto da fusão de Afora e Patricio Echeverría em 1993), com plantas em Azkoitia e Legazpi. (*Notícias de Gipuzkoa, 02.09.2007*)



Dez lições da crise do mercado imobiliário americano

Os Estados Unidos não vão quebrar nem o capitalismo vai acabar. Mas o estouro da “bolha imobiliária” americana balançou dois pilares da ideologia neoliberal: o de que os mercados agem racionalmente e o de que governos não têm de interferir na economia. Tudo ao contrário: mercados entraram em pânico e seis bancos centrais tiveram de injetar 400 bilhões de dólares para salvar o sistema, a maior intervenção da história do capitalismo. Essas são as **duas principais lições** da crise.

A mídia culpa o mercado imobiliário americano, que foi só o estopim. A cada três ou quatro anos estoura uma grande bolha e a causa estrutural é sempre a mesma: inundações de dólares num mercado desregulado, verdadeiro cassino em que nenhuma moeda tem lastro e os especuladores fazem apostas de alto risco, especialmente nas oscilações cambiais. A explicação do então diretor-gerente do FMI, Jacques de la Rosière, quando estourou a primeira crise do dólar nos anos 70, é didática: “Só há dois lugares no mundo para guardar dólares, um banco americano ou uma caixa de sapatos”. Na época os americanos inundaram o mundo com dólares comprando petróleo e materiais para a Guerra do Vietnã. Agora é para a guerra contra o Iraque. Gastam 800 bilhões de dólares por ano importando bens e serviços, mais do que ganham exportando.

Os detentores desses dólares em excesso não podem guardá-los numa caixa de sapatos. Compram ações na Bolsa de Nova York, títulos do Tesouro Americano (só a China comprou 900 bilhões), propriedades em Miami e cotas de fundos de investimento. Mesmo quando eles trocam por outras moedas como o real (para aplicar no nosso mercado) ou euro (na Europa), quem recebe esses dólares é obrigado a aplicar no mercado americano. Incharam o mercado imobiliário e o acionário e os fundos de investimento multiplicaram-se, mexendo com trilhões de dólares – ninguém sabe ao certo o tamanho da bolha. Foi só a economia americana esfriar no começo do ano e parar de subir os preços das casas para a bolha estourar.

A **terceira lição** é a fragilidade dos EUA. Percebeu-se que, se o governo chinês quisesse, derrubaria o capitalismo financeiro americano; bastaria entrar no mercado vendendo. O medo de um gesto brusco explica as inúmeras recentes viagens do secretário do Tesouro dos EUA, Henry Paulson, à China.

Lição quatro: é perigoso desregular o mercado financeiro. O governo americano flexibilizou os financiamentos da casa própria, os bancos venderam esses contratos a outros bancos, que por sua vez lançaram títulos na praça para levantar mais dinheiro e poder comprar novos contratos. No fim só um de cada cinco financiamentos estava com o credor original. E nós caminávamos na mesma direção. Na véspera da crise o presidente de um grande banco brasileiro propunha o desmonte da regulamentação das cadernetas de poupança. E mesmo depois da crise os bancos cobram do governo a introdução da “portabilidade dos empréstimos imobiliários e contingenciados”, para poder negociar entre si pacotes de financiamentos, exatamente o que levou o mercado americano ao descontrole.

Quinta lição: um país periférico nunca tem moeda forte. O real era forte na aparência, mas a primeira reação à crise foi a fuga para o dólar, apesar de o epicentro do terremoto estar na pátria do dólar. Por isso, não se deve mudar o sistema de controle de capitais no Brasil, pelo qual remessa de dólares ao exterior tem de ser justificada. Os estrangeiros detêm cerca de 41 bilhões em ações e títulos do governo que podem vender a qualquer momento para comprar dólares e fugir do país.

A **sexta lição** é a importância da diversificação das nossas exportações e do fortalecimento do Mercosul, que pode atenuar o impacto da crise americana sobre nosso comércio exterior. Hoje, só 18% das nossas exportações são para os EUA. A **sétima** é a urgência de reestruturar nossa dívida interna, quase toda de curto prazo, com títulos que podem ser descartados todos os dias. É o calcanhar-de-aquiles de nossa economia, lição de casa que o governo Lula não fez.

E as **três lições finais** são: o jornalismo econômico fracassou e, a reboque dos analistas de bancos, não soube ou não quis interpretar os sinais; nunca acredite nas agências de avaliação de risco, que sabiam da iminência da crise e, “assim” como os bancos, não alertaram investidores; e nunca se deixe levar por gerentes que tentam empurrar cotas dos novos fundos “multimercado”, a coqueluche dessa grande bolha de investimentos financeiros especulativos.

Bernardo Kucinski é professor titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP. Foi produtor e locutor no serviço brasileiro da BBC de Londres e assistente de direção na televisão BBC. É autor de vários livros sobre jornalismo (*Revista do Brasil, Edição nº 16, setembro de 2007*)

Brasil Metal internacional é o boletim informativo sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT
Secretário Geral: Valter Sanches internacional@cnmcut.org.br